

33 - NOEMI ELISA ADERALDO

CADEIRA Nº 33
PATRONO: RODOLFO TEÓFILO

NOEMI ELISA ADERALDO

NOEMI ELISA Costa de Soriano ADERALDO, filha de Aluysio Soriano Aderalao e de Francisca Noemi Costa de Soriano Aderaldo, nasceu em Fortaleza. Fez os cursos primário e secundário no Colégio da Imaculada Conceição, dirigido pelas Irmãs de Caridade, e no Colégio São José, do Recife (Pernambuco). Ingressou depois na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará, pela qual se licenciou em 1964. Fez vários cursos de extensão: de Literatura Brasileira na UFC, de História da Cultura Portuguesa na UnB, onde também fez curso sobre a Filosofia de Platão, História da Arte, e Língua e Literatura Luso-Brasileira na Universidade de Lisboa. Depois de um Curso de Aperfeiçoamento em Metodologia do Ensino Superior, na UFC, fez Curso de Mestrado na Universidade de Brasília, versando sua Dissertação sobre "O Franciscanismo na Obra de Eça de Queirós". Foi professora do Colégio Estadual do Ceará, da Fundação Educacional do Distrito Federal, do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses (UnB), e Professora Extraordinária da UFMG onde ministrou aulas no Curso de Aperfeiçoamento, tendo ainda participado da elaboração da Coletânea de Metodologia Científica da UFMG. Professora de Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas da UFC, do qual foi Coordendora de atividades de Extensão. Coordenadora dos Encontros Literários do Departamento de Literatura da mesma Universidade. É Diretora de Publicações da Academia Cearense de Letras, onde tem coordenado cursos de extensão de Língua e Literatura, em convênio com a UFC. Tem participado de vários encontros e congressos de Literatura Portuguesa, apresentando comunicações. Obras publicadas: ***Nos Caminhos da Literatura*** *(1983), coleção de ensaios e* ***Mar e Sertão: Aproximações entre Fernando Pessoa e Guimarães Rosa*** *(1992), ensaio. Entre os vários estudos publicados em periódicos, podemos citar "O Ensino da Língua Portuguesa Através*

do Método Gestáltico-fenomenológico-existencial", na ***Revista de Letras,*** *vol. 1 (1978), "Reflexões Sobre a Universidade da Vida", no vol. 5 (1982), "Acerca da 'Presença' ", no vol. 13 (1988), além de estudos na* ***Revista de Comunicação Social*** *da UFC, na revista* ***Seara,*** *na revista* ***Fragmentos,*** *na* ***Revista da Academia Cearense de Letras,*** *etc. Prefaciando* ***Nos Caminhos da Literatura,*** *Artur Eduardo Benevides considerou o livro uma "obra madura, concisa, precisa, de linguagem nobre, de idéias claras e de abordagens que revelam um raciocínio ágil e dinâmico, num espírito sequioso de conhecimentos, que não se contenta com a superficialidade da narrativa ou a horizontalidade da descrição". A autora, para ele, "É um espírito com a chama da pesquisa, da análise e da procura de elementos essenciais e universais, míticos e transcendentes."*

REFLEXÕES SOBRE A UNIVERSIDADE DA VIDA

Se há uma rotina que se possa chamar de rica, essa há de ser certamente a rotina universitária, tão cheia de cotidiana descoberta, de calor humano e de estímulo, de intercâmbio e de experiência. E isto não só do ponto de vista do aluno, como também do ponto de vista do professor. Trata-se de uma comunidade *sui generis* que, em sendo um centro de transmissão e de produção de saber, é também, e com igual importância, uma escola de convivência. E digo aqui que, num sentido mais amplo, não apenas os professores ensinam, mas também os alunos; não apenas aprendem os alunos, mas também os professores. Ensinando, o professor aprende, muita vez sem saber que aprende; aprendendo, o aluno ensina, quase sempre sem se dar conta disso. E se é verdade que, num certo sentido, ligado à motivação e ao estímulo, o professor faz o aluno, é verdade também que, no mesmo sentido, o aluno faz o professor.

Que riquíssimas lições poderíamos extrair dessa relação professor-aluno, única entre tantas outras igualmente marcantes no ser humano, não obstante a diluição que lhe acarreta a crescente massificação do ensino.

O fato é que a dinâmica da convivência, como a da vida, quando nos dispomos e nos abrimos a ela, nos descobre movimentos, interações e sutilezas freqüentemente surpreendentes e paradoxais, às vezes desagradáveis, mas sempre enriquecedoras da humana experiência. Do majestoso e brejeiro rio que é a fala sabia e singela de Riobaldo Tatarana, personagem de Guimarães Rosa, lembro agora uma passagem em que ele diz: "eu não sei de nada, mas desconfio de muita coisa..." É exatamente esse profundo e rico dom de "desconfiar" que nos leva à interminável e fascinante aventura que pode ser a nossa vida, cujo horizonte, a rigor, não tem limites, salvo os que costumamos demarcar pelas muitas formas em que se manifesta nosso egoísmo. E quando digo vida, quero referir-me também e sobretudo a essa vida dentro de nós, que tem o poder de assimilar a que nos cerca, de exprimi-la e de exprimir-se. "A sede da alma, diz Novalis, está ali onde o mundo exterior e o mundo interior se tocam."

O "desconfiar" de Riobaldo é o estar alerta e predisposto

para perceber o que paira sobre nós ou o que se insinua em nós, aquém e além de nós, e que entretece a trama que liga as coisas todas por dentro e por fora, no espaço e no tempo e para além deles. E é também aplicar os ouvidos e o coração ao sentido das coisas mais simples, que são às vezes as mais reveladoras ou as mais misteriosas.

Quando Riobaldo diz que não sabe de nada mas desconfia de muita coisa, está modulando de outra forma o tema de Sócrates, que proclamava ser o reconhecimento da própria ignorância o começo da sabedoria. Nesse contexto, aliás, cabe citar também a feliz metáfora do próprio Guimarães Rosa, quando escreve: "Da vida sabe-se: o que a ostra percebe do mar e do rochedo. Imaginemo-nos!" Ele nos compara a pequenas ostras situadas entre o rochedo e o imenso mar da Vida, de que quase nada percebemos.

É ao sair da escola, ou da universidade, que o verdadeiro estudante começa a reconhecer a incitadora dimensão da própria ignorância e a despertar, com isso, para o "desconfiar"' riobaldiano, começo da sabedoria de que Sócrates falava. O erradicar dessa ignorância não depende só de livros ou de estudo. Há que ativar esse especial e inato dom de "desconfiar", situado mais acima, na confluência entre o coração e a mente, que permanece desligado em tantos ou que tantas vezes desligamos ou deixamos desligar-se, por fechamento, por inércia ou por medo, para não ouvir suas mensagens perturbadoras. Será mais cômodo sintonizar na freqüência da mediocridade... Mas como isso é desolador!

"Desconfiar" é assim, também, estar ligado, atento ao fluxo dessa Vida que nos atravessa para além de nós e que nos faz o apelo tão bem sintetizado na conhecida oração de São Francisco. Em nós, seres uniplurais, cabeça e coração só se atritam enquanto buscam a harmonia de uma síntese situada num ponto mais alto de nós mesmos. Dizia São Bernardo: "Que faz o Amor sem o Conhecimento? — Errar. E o Conhecimento sem o Amor? — Inflar." O "desconfiar" riobaldiano, começo de sabedoria, é um cismar intuitivo do espírito no homem, que o abre para as muitas coisas entre o céu e a terra de que fala Shakespeare, inacessíveis ao mero raciocínio.

O que estou a dizer se relaciona diretamente com o aprendizado dessa escola maior e permanente que é a Vida, na qual entramos pela porta do nascimento. Dessa escola somos

todos eternos estudantes, e bem ou mal a freqüentamos, quer queiramos, quer não. O que quer que se aprenda, só se aprende fazendo. Para aprender realmente, o aprendiz tem que selecionar e manipular o material franqueado, mergulhar no melhor dele a sua mente e os seus sentidos. Essa escola da vida é uma escola itinerante, que não tem lugar fixo, mas só pontos de referência. É caminhando dentro dela que ela caminha dentro de nós e abre em nós seus sulcos, amargos ou doces, mas sempre válidos como aprendizado, como experiência.

Travessia, eis a palavra. A escola itinerante da vida é travessia, e nessa travessia, onde há pontos de pouso, onde há etapas e estações de transbordo, varando terras, águas e atmosferas tantas vezes tão diversas, tudo pode acontecer. "É preciso estar atento e forte", como diz a canção, mas também ter a coragem de caminhar com aquela confiança, às vezes paradoxal, como a de quem sabe entregar-se ao caminho para que ele o leve, ou como a de quem ousa e se arrisca pelo que, sendo mais difícil, e quase sempre melhor. Porque, como diz o poeta Rilke numa das suas famosas cartas, "o que é bom é difícil".

"Só a ação salva", ensina a melhor tradição universal. Então é preciso sacudir-se da inércia, quebrar essa passividade na qual tende o homem a acomodar-se, cúmplice no que ha nela de negativo. É preciso fazer algo — e há tanto que é preciso fazer!

Mas no que quer que façamos há um segredo que o torna bom e lhe dá sentido, algo que torna o difícil fácil e o amargo doce: façamo-lo com amor, façamo-lo com gosto, faço melhor que for possível. Para isso é preciso entregar-se ao que se faz, e é nessa entrega ao fazer que, de certa forma, o que fazemos nos faz: é nessa entrega que, muitas vezes, esquecendo-nos de nós mesmos, nos descobrimos verdadeiramente felizes e realizados. Pois o "transforma-se o amador na coisa amada" de Camões também se aplica ao que fazemos. E poderíamos dizer: o que fazemos e como o fazemos nos faz o que somos, ou: nós nos tornamos o que fazemos. Isso se aplica ao fazer da vida inteira, que pouco a pouco nos vai fazendo.

Nas coisas mais difíceis, começar é sempre o mais difícil do fazer, mas este, uma vez começado, se a ele nos entregamos, vai por si. Quanto ao difícil do começar, é só a força da decisão que o facilita, que o transpõe firme. Quase sempre é só depois de começar algo difícil que se gosta dele, e que o difícil se torna fácil

porque amado. Por isso, jogando aqui com uma etimologia, digo que mesmo no que fizermos como profissionais, devemos conservar-nos sempre amadores.

Mas, por outro lado, há coisas para as quais temos inclinação, aptidão natural ou vocação; outras às quais somos mais ou menos refratários, e outras ainda que não nos dizem nada, que não nos tocam. São estas disposições subjetivas que nós geralmente sintetizamos com as expressões "gostar", "não gostar" e "ser indiferente", muito embora possa haver mudanças em nossas disposições a um contato mais profundo com tais coisas. Há gradações, é claro, entre atração e repulsa, passando pelo ponto neutro da indiferença, e ha que contar também com o grau de boa vontade, de interesse, de abertura, com a gama de receptividade para com as diversas coisas, grau e gama tão variáveis em cada um de nós.

A natureza humana tem, evidentemente, sua flexibilidade e seus mecanismos de adaptação, de compensação etc., mas o que queremos pôr em foco são aqueles casos flagrantes, hoje tão freqüentes, de desencontros, de equívocos, de incoerências, de discrepâncias, e mesmo de incompatibilidades vocacionais, alimentadas desde o nascedouro por motivos extrínsecos, alienantes ou inautênticos e, mesmo depois de claramente descobertas e conscientes, sustentadas e levadas às últimas conseqüências às custas da própria autenticidade, da própria verdade, do próprio equilibrio na relação consigo mesmo e, fatalmente, na relação com os outros.

Assim, há quem termine fazendo na vida o que não gosta, e sendo o que não é, por questões de 'status', de aparência e de conveniência econômica ou social, por acomodação e comodismo, cedendo a luz do ser ao brilho enganoso do parecer, do ter, do estar. É claro que sob o império da competição e do consumo, num mundo onde os valores se poluíram e se inverteram, onde as pessoas voltam-se para eles e para fora sob a pressão dos condicionamentos e do contágio, num mundo assim campeiam os extravios e as deformações, a alienação de si mesmo e a neurose. Entretanto, aquela luz interna da consciência e da percepção de si não se apaga facilmente e continua lá dentro, acesa, enviando-nos seus sinais, mesmo se a não queremos ver.

O homem, e como ele o mundo, é, por sua própria natureza, um ser jamais acabado, por isso aberto sempre para a

transformação. Nunca é tarde para começar a fazer o que se gosta e se reencontrar assim, naquilo que se faz com amor e com dedicação. "Navegar é preciso", ainda que "por mares nunca dantes navegados", ao encontro do que se ama e ao encontro de si mesmo. E um tal navegar, inclui também, necessariamente, aquele "aprendizado de desaprender" que Alberto Caeiro proclama necessário, e que tomamos aqui, pelo menos — porque é mais do que isso —, como um desaprender tudo o que de errado aprendemos na vida.

Tudo é passagem, a travessia continua. Subir a montanha do êxito social ou econômico, acumular honrarias, posses ou poder, tudo isso se perde e se desgasta, tudo isso pesa se nos estorva no essencial, e se o ganhamos à custa do que mais importa. E o que mais importa é o que podemos levar sempre conosco na travessia, o que não podemos perder e ninguém pode nos tirar, porque é o que somos e o que temos dentro de nós, sejam quais forem as situações e as circunstâncias. Facilmente nos tornamos prisioneiros daquilo que construímos, que conquistamos ou que possuímos de não essencial, de perecível. É o que está implícito na palavra lapidar e contundente de Ricardo Reis, quando proclama:

"Abdica e sê
Rei de ti mesmo".

Chega também a hora de dar a árvore, em bons frutos, o que recebeu da água, da terra, do fogo (o sol) e do ar. Não existe parada definitiva, a travessia deve continuar em nova etapa, só que agora distribuindo o que se colheu, dando o que se recebeu, aplicando o que se aprendeu, ajudando outros a percorrerem o mesmo caminho em cujo percurso se foi antes ajudado. É sempre com tristeza que se verifica uma tendência crescente para a esquivança e o comodismo, para a desculpa e o artifício, um predomínio cada vez maior da lei do menor esforço, a hipertrofia do interesse formalista colocando em plano secundário o interesse pelos conteúdos.

Muito concorrem, certamente, para isso, os condicionamentos extrínsecos da civilização da pressa, da superficialidade, do pragmatismo e da concorrência, a poluição da mente, o congestionamento dos canais humanos de comunicação, o artificialismo e a deterioração crescente das condições de vida, a

deformacão dos valores etc., não querendo contestar, com a enumeração desses fatores negativos de decadência, outros fatores positivos e conquistas do homem contemporâneo. Tudo isso, é certo, pressiona e se infiltra, em graus diversos, nas pessoas, enfraquecendo-lhes o discernimento, a capacidade de confronto e de espírito crítico, a percepção dos valores genuínos. Escasseiam os bons modelos, os bons exemplos, os testemunhos valiosos, os temas nobres, que se vão perdendo de vista na enxurrada de informacões de superfície e de apelos banais de toda espécie. Há um estado de coisas que se mantém, se generaliza e em tudo se reflete, contaminando as próprias bases da estrutura social; na prática, termina por minar as pessoas, e as pessoas por serem seus cúmplices e seus prisioneiros.

Mas nada disso é suficiente para apagar aquela luz interior mais acima evocada, nada disso chega a silenciar a voz da consciência, inequívocos sinais da dignidade do ser humano, que é preciso preservar e promover acima de tudo. Impõe-nos ela o dever de fazer o melhor por si mesmo e pelos outros. Claro que isso se estende a todos os modos de relação humana. Todo eu pressupõe o outro, sem o qual nada seria, assim como todo viver pressupõe um conviver, e isso se aplica a todos os seres. O reconhecimento dessa lei universal, captada pela essência da religião, da filosofia e da ciência, e a aplicação, na prática, dos princípios que ela implica, eis o único antídoto, o único remédio para todos os males do homem, pois que todos os seus males de um só decorrem: do egoísmo.

Por mais diversas que sejam as rotas, todos encontramos, certamente, dificuldades, maiores ou menores. Mas estas fazem parte da travessia, e se existem é para serem superadas. Pois a maior das forças nasce da maior das dificuldades. Dificuldades e resistências, são elas precisamente que provocam e reativam as nossas energias, é o desafio e o incitamento nelas contidos que desencadeiam e desenvolvem o evoluir, o vir-a-ser, a superação. Sem elas não seria o homem o que é; sem elas a inércia nos dominaria e permaneceríamos vegetando à margem da vida. Sem elas não poderia haver, para o homem, o sabor da vitória. Em suma, pararíamos. Haver caminho à nossa frente significa necessariamente haver dificuldade, esforço e luta, mas também significa ultrapassar, vencer, crescer. O difícil nos exercita e nos alimenta. O que é bom é dificil; o que nada custa, nada vale.

Tudo isso faz parte da travessia de todos nós, está na travessia, é a travessia, e muitas coisas atravessam a travessia, muitas coisas nela se acabam e nela começam, muitos sóis nela se põem e nela se levantam. Há muito chão sob os pés, muito horizontes sobre os olhos, muito desafio e muita aventura, muito partir e muito chegar, muito cansaço mas muito pouso, muita dor mas muita beleza. Como diz o poeta, "tudo vale a pena se a alma não é pequena", e como diz um provérbio anglo-saxão, "onde há uma Vontade há um Caminho"!

In *Revista de Letras,* UFC, vol. 5 (1982).